



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

DA NARRATIVA DO COTIDIANO À MAGIA:
PROJETO DO LIVRO *CONTOS FANTÁSTICOS DO BRUXO DO COSME VELHO*

Cássia Ferreira Andrade

Rio de Janeiro/ RJ

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

DA NARRATIVA DO COTIDIANO À MAGIA:
PROJETO DO LIVRO *CONTOS FANTÁSTICOS DO BRUXO DO COSME VELHO*

Cássia Ferreira Andrade

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Produção Editorial.

Orientador: Prof. Dr. André Villas-Boas

Rio de Janeiro/ RJ

2013

**DA NARRATIVA DO COTIDIANO À MAGIA:
PROJETO DO LIVRO CONTOS FANTÁSTICOS DO BRUXO DO COSME VELHO**

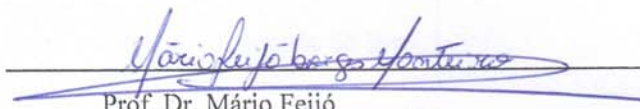
Cássia Ferreira Andrade

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Produção Editorial.

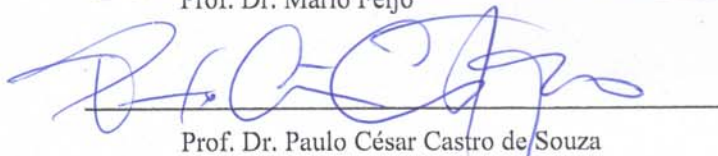
Aprovado por



Prof. Dr. André Villas-Boas- orientador



Prof. Dr. Mário Feijó



Prof. Dr. Paulo César Castro de Souza

Aprovada em: 12/12/2013

Grau: 8,5

Rio de Janeiro/ RJ

2013

A553

Andrade, Cassia Ferreira

Da narrativa do cotidiano à magia: projeto do livro contos
Fantásticos do Bruxo do Cosme Velho / Cassia Ferreira Andrade.
2013.
57 f.

Orientador: Profº Drº. André Villas-Boas.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Escola de Comunicação, Habilitação Produção Editorial, 2013.

1. Literatura brasileira. 2. Machado de Assis 1839-1908. 3. Contos. I.
Villas-Boas, André. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de
Comunicação.

CDD: 869.3

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à todas as pessoas que acreditam que o mundo pode ser mas fantástico por causa das palavras. E à minha avó.

AGRADECIMENTO

Meus breves agradecimentos vão para aquelas pessoas que contribuíram de alguma para a realização de mais esse sonho. Aos meus pais, Abrahão e Zilma, e ao meu irmão André, por serem tão compreensivos nos momentos de ausência e pacientes nas ondas de estresse. Obrigada por tudo.

Ao meu orientador, André Villas-Boas, pela paciência e pelo norte e por pintar o processo com as cores da leveza.

Aos professores, pelos saberes compartilhados e pela paciência.

Aos meus amigos, pelo refúgio.

A todos, meu muito obrigada!

“Crianças, ficção é a verdade dentro da mentira,
e a verdade desta ficção é bastante simples:
a magia existe.”
(Stephen King)

ANDRADE, Cássia F. **DA NARRATIVA DO COTIDIANO À MAGIA: PROJETO DO LIVRO *CONTOS FANTÁSTICOS DO BRUXO DO COSME VELHO***. Orientador: André Villas-Boas. Rio de Janeiro, 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Produção Editorial) – Escola de Comunicação, UFRJ. 56f.

RESUMO

Na última década, a literatura fantástica tem se configurado como um grande nicho no mercado da literatura, com grande potencial de crescimento no Brasil. Partindo do pressuposto da demanda por autores nacionais, o objetivo do presente trabalho é desenvolver uma coletânea de contos de Machado de Assis. A ideia é oferecer uma nova imagem para o clássico autor e aproveitar a efervescência do mercado editorial neste segmento.

Palavras-chaves: Literatura; Fantasia, Machado de Assis, Literatura Brasileira.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. O MERCADO DA LITERATURA FANTÁSTICA NO BRASIL	13
3. AS FORMAS DE INCENTIVO À LEITURA	20
3.1 A LITERATURA FANTÁSTICA E A FORMAÇÃO DO LEITOR	21
4. PROJETO EDITORIAL: <i>CONTOS FANTÁSTICOS DO BRUXO DO COSME VELHO</i>	23
5. ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS DO PROJETO GRÁFICO	26
5.1 FORMATO FECHADO	26
5.2 NÚMERO DE PÁGINAS	30
5.3 PAPEL	31
5.4 MARGENS E MANCHA GRÁFICA	31
5.5 CABEÇALHO E FÓLIO.....	31
5.6 ESPECIFICAÇÕES TIPOGRÁFICAS	33
5.7 GRAFISMOS	33
5.8 GERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE ALTERNATIVAS.....	36
5.9 CAPA	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55

1 - Introdução

Seja na religião, seja na literatura o homem vem sempre buscando maneiras de explicar o inexplicável e trabalhar sentimentos e emoções. A literatura permite criar essas situações e muitas vezes transpô-las sem o julgo da moral, como acontece na religião. E, muitas vezes, é a literatura fantástica que conduz o leitor ao universo das palavras.

A literatura fantástica é fruto, sobretudo, da experiência do leitor diante de fatos que contrariam as leis da natureza, conforme explicou Todorov (1975). Para ele,

nos textos fantásticos, o autor relata acontecimentos que não são suscetíveis de produzir-se na vida diária, se nos ativermos aos conhecimentos correntes da época relativos ao que pode ou não pode acontecer. (TODOROV, 1975, p.20).

Pensando na capacidade da literatura de nos guiar a mundos e experiências existentes apenas na nossa imaginação e buscando oferecer uma nova porta para a literatura por meio da produção literária de um dos mais importantes autores brasileiros é que nasceu o projeto *Contos fantásticos do Bruxo do Cosme Velho*, uma antologia de contos de Machado de Assis voltada para o público jovem. Além disso, a ideia é aproveitar um segmento de mercado que tem crescido em torno de 25% ao ano, como destacou o Anuário Brasileiro da Literatura Fantástica.

A escolha de Machado deu-se, primeiramente, pelo fato de ele ser um dos maiores autores da literatura brasileira. Sua vasta obra – que conta com romances, poemas e contos – inseriu na eternidade o nome do autor entre os maiores do Brasil. E isso não se refere apenas à qualidade ou à profundidade de seus textos, mas também à temática abrangente e rica.

Em contrapartida a este lugar consagrado que sua obra ocupa, é comum haver uma reserva ou mesmo rejeição por parte do público jovem. Tal pode ser atribuído a inúmeros fatores: sua posição de “clássica” (interpretada como velha, ultrapassada, pouco dinâmica), a dificuldade inicial de contato por conta da linguagem própria de sua

época, as referências datadas e desconhecidas por este público, o aspecto *oficialesco* advindo de sua própria consagração etc.

Por isso, a ideia é “recriar” o autor clássico de modo que a leitura de sua produção possa ser prazerosa, sobretudo para os jovens. A própria temática escolhida para nortear a seleção dos textos deveu-se à busca por esta aproximação, como se verá mais à frente.

Propomos uma edição que possa ser enquadrada no conceito de paradidático. De acordo com o Dicionário Interativo de Educação Brasileira, são considerados livros e materiais paradidáticos aqueles utilizados com finalidade didática, mesmo que seu fim primeiro não seja esse.

A importância desses materiais reside no fato de eles lançarem mão de aspectos lúdicos. Isto faz com que a aprendizagem se torne mais eficiente, sendo adotados juntamente com os materiais considerados convencionais. O objetivo é desenvolver um produto que congregue o poder de ensinar e desenvolver o público juvenil, ao mesmo tempo em que desperte o interesse pela leitura.

Consideraremos dois focos para a comercialização: a primeira baseada na possibilidade de adoção paradidática, atingindo, portanto, aos professores e coordenadores de cursos e a segunda visando à compra por impulso de modo a privilegiar livrarias, bancas de jornais e a venda pela internet.

1.1 - Justificativa

A escolha de Machado de Assis se deve ao fato de o autor já ser adotado nas escolas. Pretende-se aproveitar a efervescência do mercado da literatura fantástica para apresentar o autor de uma maneira que possa interessar aos estudantes dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio.

É importante destacar que essa vertente já foi observada na obra de Machado de Assis, como esclarece Darlan Lula (2005) no artigo “O lugar do fantástico em Machado de Assis”. Ele destaca o livro *Contos fantásticos: Machado de Assis*, organizado por Raymundo Magalhães Júnior, publicado em 1973 e relançado em 1998 pela editora Bloch.

Além disso, o projeto editorial busca aproveitar o filão da literatura fantástica para o oferecimento de um veículo com alto potencial de venda.

Para elaboração da edição foram utilizados os conhecimentos adquiridos em sala de aula, desde a concepção do produto, a seleção dos contos, a edição, as especificações técnicas e o projeto gráfico até a editoração. Especialmente duas disciplinas foram importantes para a concepção desse projeto: Edição de Texto e Marketing para Produção Editorial, nas quais foram realizadas as primeiras incursões que derivaram este projeto. Todas estas etapas buscam a adequação junto ao público-alvo.

1.2 - Objetivo geral

Editar uma antologia denominada *Contos Fantásticos do Bruxo do Cosme Velho*, baseada na obra de Machado de Assis, voltada para o público jovem. Ela consistirá em uma seleção de contos que enfoquem, de alguma maneira, elementos da literatura fantástica.

1.3 - Objetivos específicos

Apresentar a literatura de Machado de Assis a partir de um novo contexto.

Ampliar a aceitação do autor junto ao público de estudantes da segunda metade do ensino fundamental e do ensino médio.

Introduzir uma nova possibilidade de leitura do texto de Machado de Assis.

Rejuvenescer autor e obra diante do público-alvo.

Promover a literatura fantástica produzida no país.

Criar um título com grande potencial de venda, a partir do “boom” da literatura fantástica junto ao público-alvo.

2 – O MERCADO DE LITERATURA FANTÁSTICA NO BRASIL

Os estudos sobre a literatura fantástica no Brasil ainda são recentes. Estudiosos apontam o lançamento do ensaio de Tzvetan Todorov, *Introdução à Literatura Fantástica*, de 1975, como o despertar da reflexão sobre o assunto no país. No entanto, obras que podem ser classificadas como literatura fantástica no Brasil remontam ao século XIX, com a publicação de *Noite na Taverna* (Álvares de Azevedo, 1855) e, posteriormente, de alguns contos do próprio Machado.

A definição de “fantástico” não diz respeito apenas à natureza dos acontecimentos, mas também à relação do leitor com os fatos relatados, que não têm uma explicação lógica e que não podem ser reproduzidos no cotidiano. Para isso, Todorov cita H.P. Lovecraft, o qual estabelece que essa experiência particular do leitor deve estar relacionada com o medo.

A atmosfera é o mais importante pois o critério definitivo de autenticidade [do fantástico] não é a estrutura da intriga a não ser a criação de uma impressão específica. (...) Por tal razão, devemos julgar o conto fantástico nem tanto pelas intenções do autor e os mecanismos da intriga, a não ser em função da intensidade emocional que provoca. (...) Um conto é fantástico, simplesmente se o leitor experimenta em forma profunda um sentimento de temor e terror, a presença de mundos e de potências insólitas (LOVECRAFT apud TODOROV, 1975, p.20).

O autor de *Introdução à Literatura Fantástica* também destaca que o gênero citado se subdivide em dois: “estranho” e “maravilhoso”. O primeiro se estabelece se, ao fim da história, as leis da realidade ainda puderem ser mantidas. Já o segundo se configura quando novas leis da natureza precisam ser admitidas para o fenômeno ser explicado.

No Brasil, de acordo com Nilto Maciel (2009), no artigo *O estudo da Literatura Fantástica no Brasil*, apenas em 1959 foi realizada a primeira coleção de contos com essa temática. Segundo ele, a publicação de autores desse segmento é considerada rara, embora os dados apontem para uma mudança no setor a partir dos anos 2000.

No entanto, essa vertente já foi observada na obra de Machado de Assis, como esclarece Darlan Lula (2005) no artigo “O lugar do fantástico em Machado de Assis”, que destaca a coletânea *Contos fantásticos: Machado de Assis*, organizada por Raymundo Magalhães Júnior. Ela foi publicada em 1973 e relançada em 1998, pela editora Bloch, conforme nosso comentário anterior.

Mas o filão tem despertado interesse crescente. A prova disso é o número de títulos publicados anualmente (de autores nacionais e estrangeiros), bem como a realização de feiras e simpósios para tratar do segmento no país como a Fantasticon, que acontece no Brasil desde 2007, e o Simpósio de Literatura Fantástica realizado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).



Painel da Fantasticon - 2013



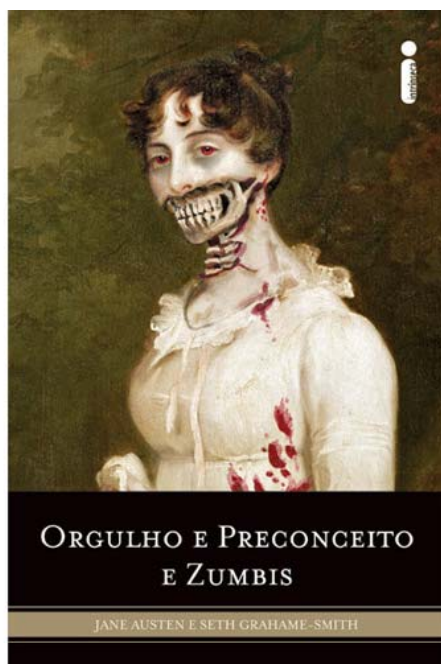
1º Congresso UFPE



2º Congresso UFPE

O mercado de literatura fantástica é um segmento em franca expansão. Só a série “Crepúsculo”, que relata um triângulo amoroso envolvendo uma humana, um vampiro e um lobisomen, vendeu, no Brasil, mais de 5 milhões de exemplares. A

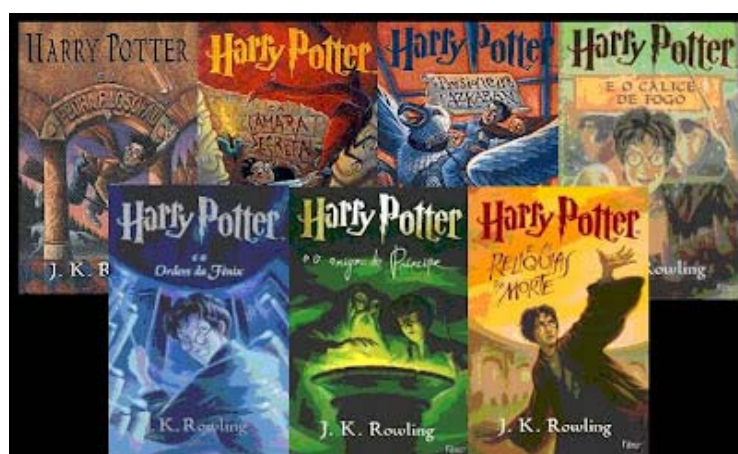
história do bruxo *Harry Potter* vendeu cerca de 3 milhões de livros. A tendência é verificada também quando obras de autores como o da autora Jane Austen serem adaptada para o gênero. *Orgulho e preconceito e zumbis* foi editado pela Intrínseca e lançado em 2010, com sucesso.



Capa - *Orgulho e Preconceito e Zumbis*



Saga Crepúsculo



Capas dos setes livros de Harry Potter

O gênero literatura fantástica tem apresentado um crescimento significativo, na casa dos 25% por ano no Brasil. Só em 2008, foram publicados 327 títulos, 70 a mais do que nos doze meses anteriores, conforme dados levantados no Anuário Brasileiro da Literatura Fantástica, publicado em 2008. Em entrevista à assessoria de imprensa da Unesp, veiculada no *Youtube* em 17 de dezembro de 2012, os autores explicam sobre a publicação que pesquisa o gênero há oito anos.

Os autores Marcelo Branco e César Silva contaram que o objetivo era fazer uma ampla cobertura sobre tudo que foi publicado no país sobre o assunto, desde notícias relevantes, prêmios nacionais e internacionais, entrevista com destaque no setor, resenhas de lançamentos e levantamento quantitativo de livros lançados no Brasil.

Em pesquisa realizada para a disciplina Marketing para Produção Editorial, em 2012.1, observou-se o interesse pelo setor. A aferição detectou que o perfil desse leitor é composto, prioritariamente, por jovens na faixa etária de 21 a 25 anos, de alta escolaridade, dispostos a investir, em média, R\$ 50 por exemplar.

Sandra Reimão (2011) investigou a tendência do mercado de livros no Brasil e apontou uma série de aspectos positivos para o público leitor brasileiro. Segundo a autora, entre 2000 e 2009, observa-se um crescimento no número de títulos editados, redução nos valores, aumento na diversidade de títulos além da predominância de autores brasileiros nos livros editados. Para isso, Reimão analisou dados da pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro, da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo (FIPE/USP), encomendada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e do Sindicato dos Editores de Livros (SNEL).

A autora analisou o mercado do livro no Brasil na primeira década do século XXI. O resultado foi apresentado no artigo “Tendências do mercado de livros no Brasil – um panorama e os best-sellers de ficção nacional (2000-2009)”, no qual ela verifica a composição da lista dos mais vendidos. Para o artigo, ela analisou a lista realizada pela revista *Veja*.

Naquele período, afirma ela, a série *Harry Potter* (total de sete livros) aparece 16 vezes na lista dos mais vendidos. A série *Crepúsculo* também divide as primeiras colocações: autora Stephenie Meyer, com seis citações: em 2008, *Crepúsculo* fica em 4ª colocação e *Lua Nova* em 7ª; em 2009 *Eclipse*, *Crepúsculo*, *Lua Nova* e *Amanhecer* aparecem como 2º, 3º, 4º e 5º lugares – todos publicados pela editora Intrínseca (REIMÃO, 2011, p. 200).

Essas duas coleções têm em comum o fato de serem classificadas no segmento da literatura fantástica. Outro título considerado fantástico e que também se classificou entre os mais vendidos na análise de REIMÃO (2011) é a trilogia *Senhor dos Anéis*, de J.R.R. Tolkien. Ela afirma que

entre os livros de ficção mais vendidos no Brasil entre 2000 e 2009, *O Senhor dos Anéis* – *A sociedade do anel*, de J. R. R. Tolkien, em 2001 – 7o e 10o lugares (edição completa); em 2002 – 4o (edição completa) todos publicados no Brasil pela editora Martins Fontes (REIMÃO, 2011, p. 201)

Mais recentemente o autor Eduardo Sphor também se configurou como um fenômeno de vendas no Brasil. O autor da trilogia *Batalha do Apocalipse* já vendeu mais de 600 mil exemplares, que motivou uma homenagem ao autor na Bienal do Livro em 2013.

3 – AS FORMAS DE INCENTIVO À LEITURA

Desde o final da década de 1990, observa-se um esforço governamental na formação de leitores, de acordo com o levantamento apresentado no estudo “Comportamento do leitor e hábitos de leitura: comparativo de resultados em alguns países da América Latina”, publicado em março de 2012 pela Organização das Nações Unidas pela Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Além de apontar o baixo índice de leitores no Brasil, em comparação com outros países da América Latina, o relatório também aponta a necessidade da implementação de políticas públicas cujos objetivos passem pela identificação da população leitora de modo a incorporar esses grupos às políticas públicas.

Mesmo antes do relatório da UNESCO, a partir de 1997, o incentivo à leitura havia ganhado um reforço com a instituição pela iniciativa governamental do Plano Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), que tem como objetivo fornecer obras e outros tipos de materiais didáticos para as escolas. Além disso, o próprio mercado tem ampliado a oferta do número de títulos e encontrado soluções para a questão do processo.

De acordo com o relatório disponível no Portal do MEC, foram investidos, em 2012, mais de R\$ 24 milhões na aquisição de livros. O montante atendeu a 3,5 milhões de alunos e mais de 86 mil escolas. Além da distribuição de livros, o Ministério também vem desenvolvendo outras ações para a implementação de uma Política de Formação de Leitores.

No relatório “A Política de Formação de Leitores e o PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola”, também disponível no portal do Ministério da Educação, desde 2005 existem “parcerias entre os Estados e Municípios de forma a reverter a tendência de restrição ao acesso aos livros e à leitura como bem cultural privilegiado”. Uma das razões para a importância do programa é apontada pelo estudo da UNESCO, que identificou que 26% dos brasileiros utilizam as bibliotecas como meio de acesso aos livros.

No artigo “Programa Nacional Biblioteca Na Escola (PNBE): Tecendo Caminhos para Formação do Leitor Literário”, as pesquisadoras Vanessa Maria da Silva Clemente e Renata Carla Lins Bezerra (2011) destacam que

o programa disponibiliza um objetivo coerente com a realidade da população não leitora no país, propondo o acesso a leitura para todos com um número significativo de obras literárias. As escolas têm o papel fundamental de disponibilizar os livros aos leitores em formação e oferecer atividades de leitura nos diferentes espaços da escola fazendo o uso dos textos literários. (CLEMENTE, BEZERRA, 2011, p.8)

Alzira Guiomar Jerez Laguna (2001) destaca que a recomendação da adoção de autores nacionais em todas as séries escolares aconteceu a partir de 1972. E foi nesse contexto de tornar acessíveis os autores nacionais que foi concebida a figura dos livros paradidáticos. Ela afirma que “desde a década de 80 até o presente, as editoras têm investido num mercado considerado amplo e promissor. Hoje, os livros paradidáticos estão incorporados ao dia-a-dia da escola” (LAGUNA, 2001, p.48).

LAGUNA (2001) destaca ainda que os autores buscam constantemente a atualização dos temas abordados. No caso de um autor clássico, essa modificação da obra não é possível a não ser que se faça adaptações, mas a forma como essa obra será apresentada poderá também ir de encontro aos interesses dos alunos porque “as leituras que os alunos gostam também podem e devem servir como ponto de partida para a reflexão, análise e comparação com outros textos” (Laguna, 2001, p.50).

3.1 – A LITERATURA FANTÁSTICA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

Considerando que a proposta do PNBE envolve os segmentos literários mais diversificados e é uma das políticas públicas mais robustas de formação do leitor, é importante considerarmos que a formação do jovem para a leitura, além de ser um trabalho pedagógico, também caminha pelo lúdico, como destaca Jacqueline Oliveira Leão no ensaio “A literatura fantástica e a formação do leitor” (2011).

A autora ressalta que a formação do leitor no universo marcado pela pluralidade tecnológica, na diversidade das plataformas e na comunicação cada vez mais fluida

cuja regra é a troca de informação, a formação do leitor é um desafio docente que passa pelo diálogo entre as mais variadas formas de arte.

No texto ela também destaca a multiplicidade de leituras que uma obra pode produzir, ao mesmo tempo em que “se reescrevem e dialogam entre si”.

LEÃO (2011) destaca que

podemos pensar que o escritor, imbuído no seu próprio ofício de escrever, ininterruptamente, dialoga sempre com novas obras e nunca se absorve de todas elas. Ao contrário, cada obra se modifica no conjunto de suas novas leituras, e cada nova escrita modifica a recepção e a interpretação de seus novos e infinitos leitores. Isso posto, nenhuma obra é, portanto, original, acabada, já que está sempre em relação com as outras obras do passado. (LEÃO, 2011, p.43)

Nesse contexto, LEÃO (2011) explica que o leitor é parte da obra e cabe a ele também o “trabalho de significação da obra-texto ou do texto-obra, pondo-se ambos diante do desafiante jogo interpretativo” (p.45). Ela acredita que, no século XXI, a formação dos leitores configura como um desafio da educação porque é um processo que ultrapassa a sala de aula, e as demandas dos professores de português ou literatura.

Ler uma obra literária é ampliar a própria interpretação do texto, é resignificar inúmeras vezes a linguagem, é construir dimensões alegóricas para cada texto lido, textos que carregam em sua inteireza certa carga de coerência e contradições (LEÃO, 2011, p.46)

Por outro lado, LOURENÇO e MOURA (2009) destacam que na literatura fantástica os leitores deixam de questionar a barreira entre o que é natural e o que é sobrenatural e essas situações não evocam desconfiança. Além disso, eles acreditam que a sala de aula é uma oportunidade de apresentar o texto nas mais diversas formas já que, muitas vezes, os estudantes têm dificuldade de acesso. Os autores também acreditam que trabalhar a literatura fantástica em sala de aula é uma forma de formar alunos mais críticos e com capacidade de questionar a realidade social.

Por serem curtos, os contos fantásticos podem ser estudados em sala de aula com os alunos e o elemento fantástico os incita a ler além dos textos, entender a função do

fantástico na narrativa, e, no momento em que conseguirem fazer uma leitura mais crítica da obra, provavelmente sentirão maior interesse pela leitura de textos literários. (LOURENÇO, MOURA, 2009, p. 3)

4 – PROJETO EDITORIAL: *CONTOS FANTÁSTICOS DO BRUXO DO COSME VELHO*

O livro reúne seis contos de Machado de Assis que abordam, de alguma maneira, temas que se relacionam ao universo fantástico. O objetivo da obra é apresentar o autor de forma distinta. É a partir dos ensinamentos fundamental e médio que os leitores são apresentados à literatura machadiana. Essa apresentação acontece principalmente via obras de adoção tradicional e a ideia é fugir disso e mostrar que o fundador da Academia Brasileira de Letras também pode ser leve, divertido e fantástico.

O projeto editorial é resultado do trabalho final desenvolvido para a disciplina Edição de Texto. Ele se destina prioritariamente ao público juvenil (na faixa etária de 14 a 25 anos) e que já tenha tido alguma experiência com livros da temática fantástica, como os citados *Harry Potter* e *Crepúsculo*, podendo atingir leitores de outras faixas etárias que tenham interesse por esse segmento.

A seleção de contos aconteceu a partir da leitura do material disponibilizado pelo site *Domínio Público*. A partir da vasta leitura, foi feita a seleção das histórias que apresentassem elementos que as configurassem como fantásticas. A seleção também teve como critério fugir do lugar comum ao apresentar o autor, preterindo mais conhecidos.

São histórias independentes, selecionadas em períodos distintos da carreira do autor. A ideia é fazer um recorte de contos que usam a fantasia para promover uma avaliação crítica da sociedade brasileira, desnudando o universo do homem e refletindo profundamente sobre a alma humana. Machado de Assis aponta os desejos, as dúvidas, as ambições, o egoísmo e outros sentimentos. E o fez de tal maneira que ainda hoje é possível observar características que ultrapassam sua época e seu contexto social ou cultural.

Conforme havíamos citado anteriormente, já houve uma seleção de contos fantásticos realizada por Magalhães Júnior e que apresenta os seguintes títulos machadianos: “A chinela turca”, “Sem olhos”, “O imortal”, “A segunda vida”, “A mulher pálida”, “Os óculos de Pedro Antão”, “A vida eterna”, “O anjo Rafael”, “Decadência de dois grandes homens”, “Um esqueleto” e “O capitão Mendonça”.

Dos seis contos selecionados para o presente trabalho, apenas dois (“O imortal” e “Um esqueleto”) fazem parte das duas obras, o que garante um certo ineditismo do trabalho apresentado.

Os contos selecionados foram os seguintes:

A igreja do Diabo – texto integrante do livro *Histórias sem Data*, publicado originalmente pela Editora Garnier, Rio de Janeiro, 1884.

Nesse conto, Machado de Assis descreve como o Diabo, cansado da própria desorganização, funda uma Igreja. Os preceitos dessa igreja são diametralmente opostos aos estabelecidos por Deus. A nova instituição é um sucesso, até que o Diabo depara-se com aquele que talvez tenha sido o maior desafio de Deus: a eterna contradição humana.

O astrólogo – publicado originalmente no Jornal das Famílias, 1876.

Sabe o que é um *almontacé*? É um profissional cujas maiores atribuições é fiscalizar a ordem urbana. Através da história do *almontacé* Custódio Marques, ocupado em cuidar mais da vida dos outros do que da própria, Machado de Assis utiliza a figura do astrólogo para fazer uma crítica às pessoas habituadas a cuidar mais da vida alheia do que das suas próprias atividades cotidianas.

Um sonho e outro sonho – publicado originalmente em *A Estação*, 31/05/1892.

Genoveva era uma jovem e bonita viúva. A boa condição financeira que a viuvez lhe proporcionou fazia dela alvo constante de cortejos. O amor intenso pelo falecido marido, a quem prestava reverências diárias, a impedia de assumir novos compromissos. No entanto, um sonho influenciará radicalmente uma mudança de vida e as decisões da jovem.

O Imortal – publicado originalmente em *A Estação*, de 15/07 a 15/09/1882.

A imortalidade é um dos grandes desejos da humanidade. Nesse conto, Machado de Assis reflete sobre o desejo a partir da história de Rui de Leão, médico homeopata. O relato é feito pelo filho do Dr. Leão, que também é médico, para o Coronel Bertiooga e o tabelião da vila, João Linhares. Machado revela as vantagens e os horrores da vida eterna.

Um Esqueleto – publicado originalmente em *Jornal das Famílias*, outubro a novembro de 1875.

A morte pode ser excêntrica. E essa é a maneira como Machado de Assis a apresenta nesse conto. Cabe a Alberto narrar a história de Dr. Belém e sua mulher preferida que é, na verdade, um esqueleto. O autor tempera a história com boas doses de ciúme que transforma o que seria frívolo em algo macabro.

Entre Santos – texto integrante do livro *Várias Histórias*, publicado originalmente por Laemmert & C. Editores, Rio de Janeiro em 1896.

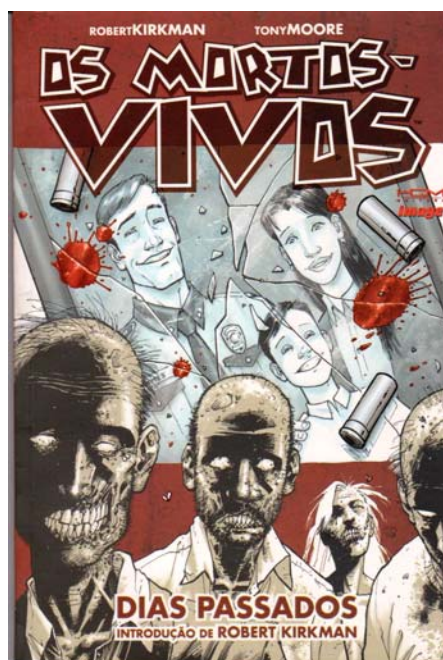
Um velho padre, desde sempre zeloso, relembra casos de sua juventude e relata uma lembrança muito viva e fantástica, de quando o excesso de zelo pela Casa do Senhor e a curiosidade o levaram a uma assembleia onde a alma dos homens é desnudada por aqueles a quem cada indivíduo recorre, na hora da aflição.

5 - ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS DO PROJETO GRÁFICO

Seguindo os objetivos do projeto editorial, elaboramos um projeto gráfico que traduzisse visualmente a atmosfera fantástica e que se constituísse atraente para o público ao qual se destina, fugindo da edição comum de um texto clássico. Para isso, buscamos inspiração no universo das histórias em quadrinhos voltadas ao público juvenil.

5.1 – FORMATO FECHADO

O formato estabelecido foi 17,5 cm por 23 cm. Estas medidas se aproximam justamente daquelas que são utilizadas na produção de histórias em quadrinhos destinadas ao público ao qual se deseja atingir com este produto editorial. As vantagens referentes ao aproveitamento do papel serão apresentadas em cálculos posteriores. Abaixo, apresento exemplos de HQ's cujos formatos se aproximam daquele escolhido para o livro. Veja:



Revista *Os Mortos-Vivos*: 16,5 cm x 24 cm



Revista *Vertigo*: 17 cm x 26 cm



Revista *Y – O Último Homem*: 17 cm x 26 cm

Para avaliarmos a grandeza das perdas realizamos uma série de cálculos que levam em consideração a montagem da chapa e a imposição de páginas. Para isso, utilizamos as siglas FF (formato fechado) e FA (formato aberto).

Na impressão de livros em máquinas planas são utilizados, normalmente, quatro formatos de folhas de papel: 2A (76x112 cm), 2B (66x96 cm), Americano/AM (87x114cm) e o Americanão/AM+ (89x117cm). Consideraremos a melhor opção para a produção aquelas que nos permitir maior número de páginas por chapa considerando o formato aberto do livro, ou seja, o maior número de páginas por caderno com a menor área de perda.

Avaliamos a imposição das páginas tanto com os formatos abertos tendo seu maior lado coincidindo com o maior lado da chapa (ao que chamamos coincidente) quanto com os formatos abertos dispostos de forma que seu maior lado se alinhe ao menor lado da chapa (diagrama rotacionado). Os cálculos consideram a impressão em máquina offset de grande porte (ou seja, máquinas de folha inteira).

Nos cálculos abaixo, demonstramos, a partir dos formatos de papel disponíveis, quais as possibilidades de aproveitamento que garantiram a menor perda.

Definição do formato aberto:

$$FF = 17,5 \times 23$$

$$FA = 23 \times 35$$

Imposição das páginas segundo um diagrama coincidente.

No formato 2A (76x112); área útil (73x110)

$$73: 23 = 3,17$$

$$110: 35 = 3,14$$

Resultado: 9 FA

No formato 2B (66x96); área útil (63x94)

$$63:23 = 2,74$$

$$94: 35 = 2,69$$

Resultado: 4 FA

No formato Americano/AM (87x114); área útil (84x112)

84: 23 = 3,65

112: 35 = 3,20

Resultado: 9 FA

No formato Americanão/AM+ (89x117); área útil (86x115)

86: 23 = 3,74

115:35 = 3,29

Resultado = 9 FA

Imposição das páginas do diagrama rotacionado:

No formato 2A

73: 35 = 2,09

110: 23 = 4,78

Resultado: 8 FA

No formato 2B

66: 35 = 1,80

94: 23 = 4,09

Resultado: 4 FA

No formato Americano/AM

84: 35 = 2,40

112: 23 = 4,87

Resultado: 8 FA

No formato Americanão/AM+

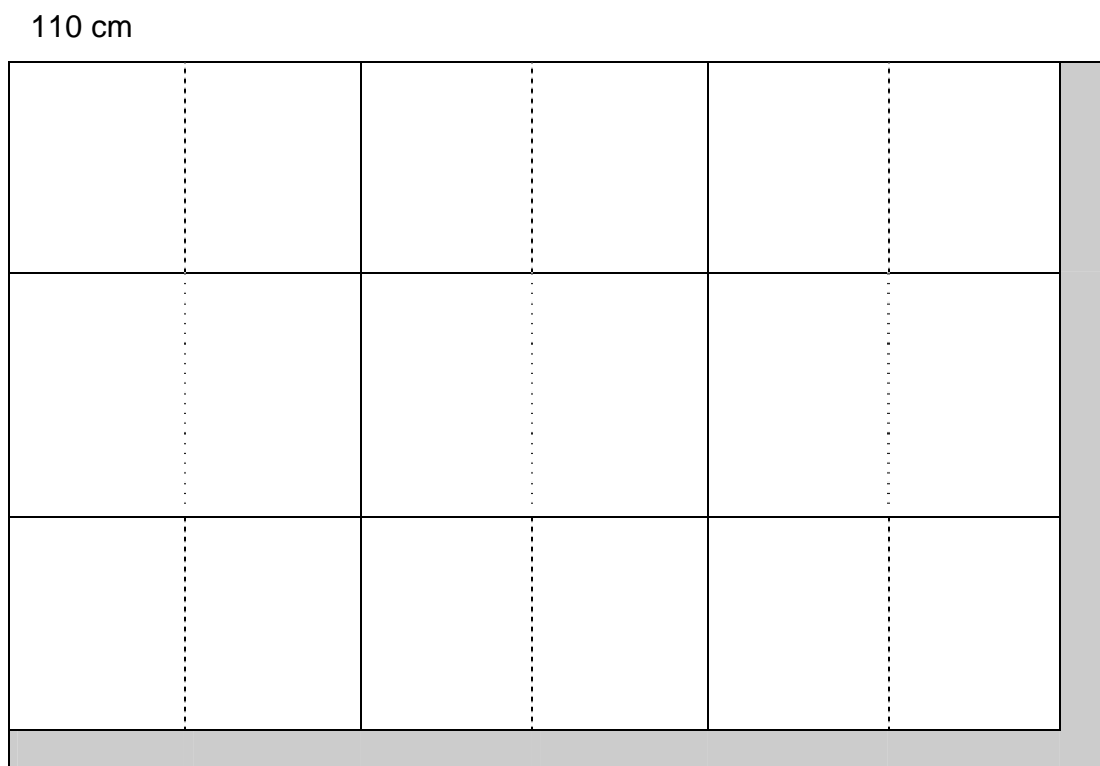
86: 35 = 2,46

15: 23 = 5

Resultado = 10 FA

Como se pode observar, o formato com melhor aproveitamento é o 2A, com 9 formatos abertos por face, resultando em um caderno de 36 páginas. Note-se que os formatos AM e AM+ também geram o mesmo número de FA, mas o fazem com perdas bem maiores.

No diagrama a seguir, as áreas em cinza representam as áreas de perda; as linhas tracejadas marcam as dobras para encadernação.



5.2 – NÚMERO DE PÁGINAS

Fixado no total de 144 páginas, em quatro cadernos de 36 páginas cada um. Este limite visa não estender demasiadamente a edição, por duas razões. A primeira se refere a custos, com a intenção de realizar uma edição barata, que viabilize sua adoção em larga escala nas escolas. A segunda se refere a um critério subjetivo: evitar que uma lombada mais larga suscite rejeição por parte do público, já que, como observado anteriormente, a obra de Machado de Assis muitas vezes é objeto de resistência por parte dos jovens justamente por se tratar de um clássico. Como é tratada a possibilidade de o livro ser adotado nas escolas, seria uma maneira também de não prejudicar os alunos que, muitas vezes, são penalizados com excesso de material.

5.3 – PAPEL

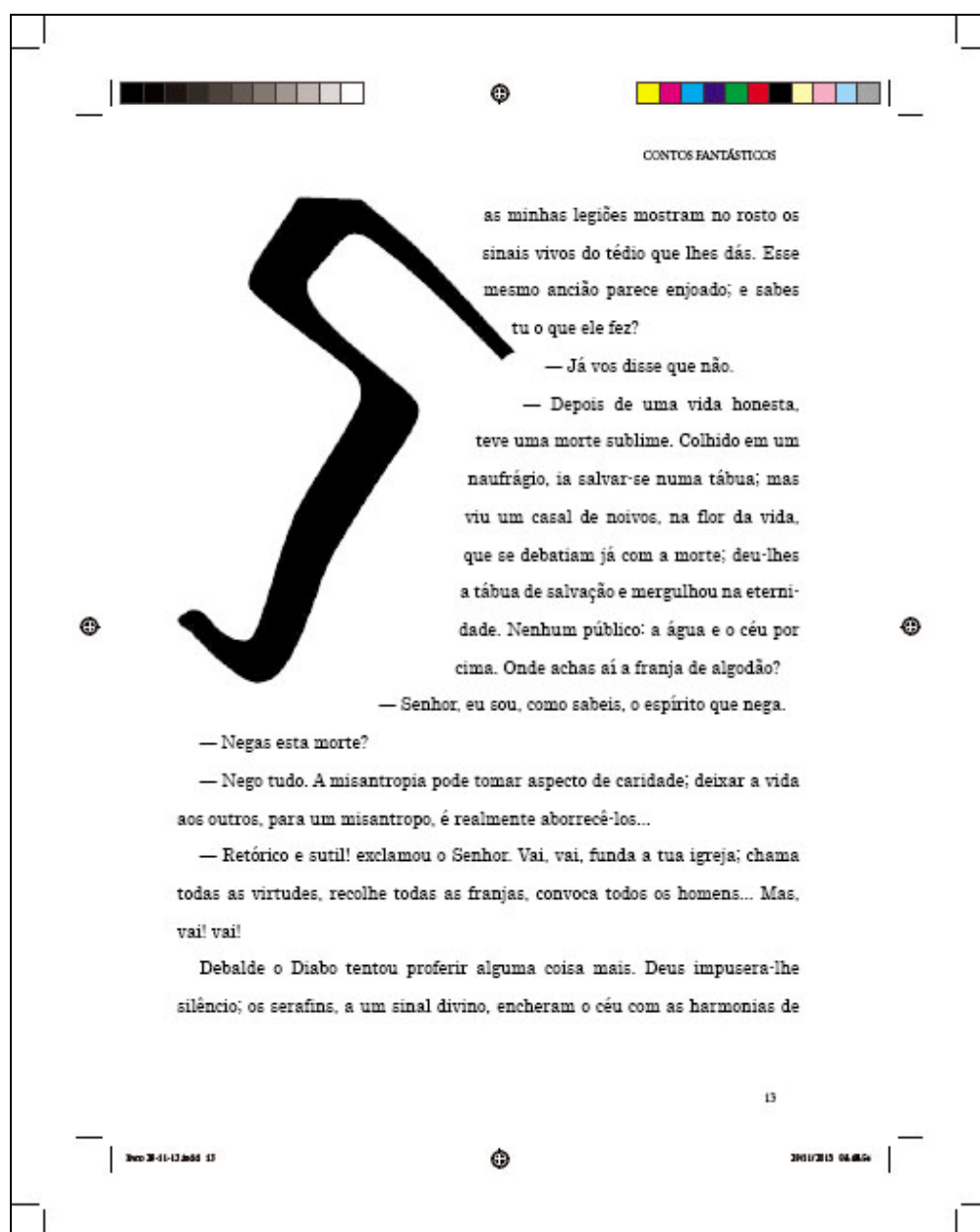
O projeto será impresso em papel *offwhite* Pólen[®], gramatura 80 g/m² por ser mais agradável à leitura ao mesmo tempo que tem custo acessível. O tipo de papel foi escolhido levando em consideração o aspecto visual como a vantagem de oferecer uma leitura mais agradável e segura, já que reflete menos luz.

5.4 – MARGENS E MANCHA GRÁFICA

As margens estabelecidas foram de 1,6 cm superior e interna para garantir, no caso da superior, um distanciamento adequado entre o corpo do texto e o cabeçalho; e, na interna, um manuseio que não comprometa a leitura. Para as margens inferior e externa, definimos 2 cm para garantir também uma boa forma de manusear o material.

5.5 – CABEÇALHO E FÓLIO

Optou-se por manter, tanto no cabeçalho quanto no fólio, a mesma fonte, com o objetivo de manter a unidade. No entanto, para diferenciá-los do corpo do texto, foi aplicado um corpo diferente (8 pontos) e caixa alta. Como foram utilizados grafismos para dinamizar o projeto gráfico (ver a seguir), decidiu-se pelo estabelecimento dos elementos recorrentes de forma usual: nome do autor no alto das páginas pares e título da obra no alto das páginas ímpares, compostos de maneira sóbria. O fólio foi localizado na margem inferior, e ambos alinhados às margens externas.



5.6 – ESPECIFICAÇÕES TIPOGRÁFICAS

Serão utilizadas duas fontes. O corpo do texto será apresentado na fonte Century, tamanho 11 e entrelinha 14. O objetivo é favorecer a leitura.

A fonte Century é bem tradicional no mercado editorial. Estima-se que tenha surgido na década de 1890. Os criadores, o impressor americano Theodore L. De Vinne e o tipógrafo Linn Boyd Benton, da American Type Founders, procuravam por um tipo mais escuro e legível e um pouco mais condensada e com o objetivo de adequar-se, naquele momento, ao layout de revista em duas colunas.

Ela foi escolhida por ser uma fonte serifada e, assim, com maior legibilidade em massa de texto.

Nos títulos será utilizada a fonte MonaMour Fraktour, em corpo 80 para se destacar. A fonte também será utilizada nos entretítulos, em corpo 18. A escolha da fonte deveu-se ao seu aspecto gótico: as histórias de guerra medievais compõem um dos universos mais frequentes da literatura fantástica. Assim, esta fonte é naturalmente associada a esta temática.

As letras góticas foram as primeiras utilizadas por Gutemberg, criadas na época de Carlos Magno. As fontes chamadas Fraktour tem a origem na Alemanha, no século XVI. Fraktour significa quebra e aponta para a ruptura da escrita gótica que era praticada naquele país até então.

5.7 – GRAFISMOS

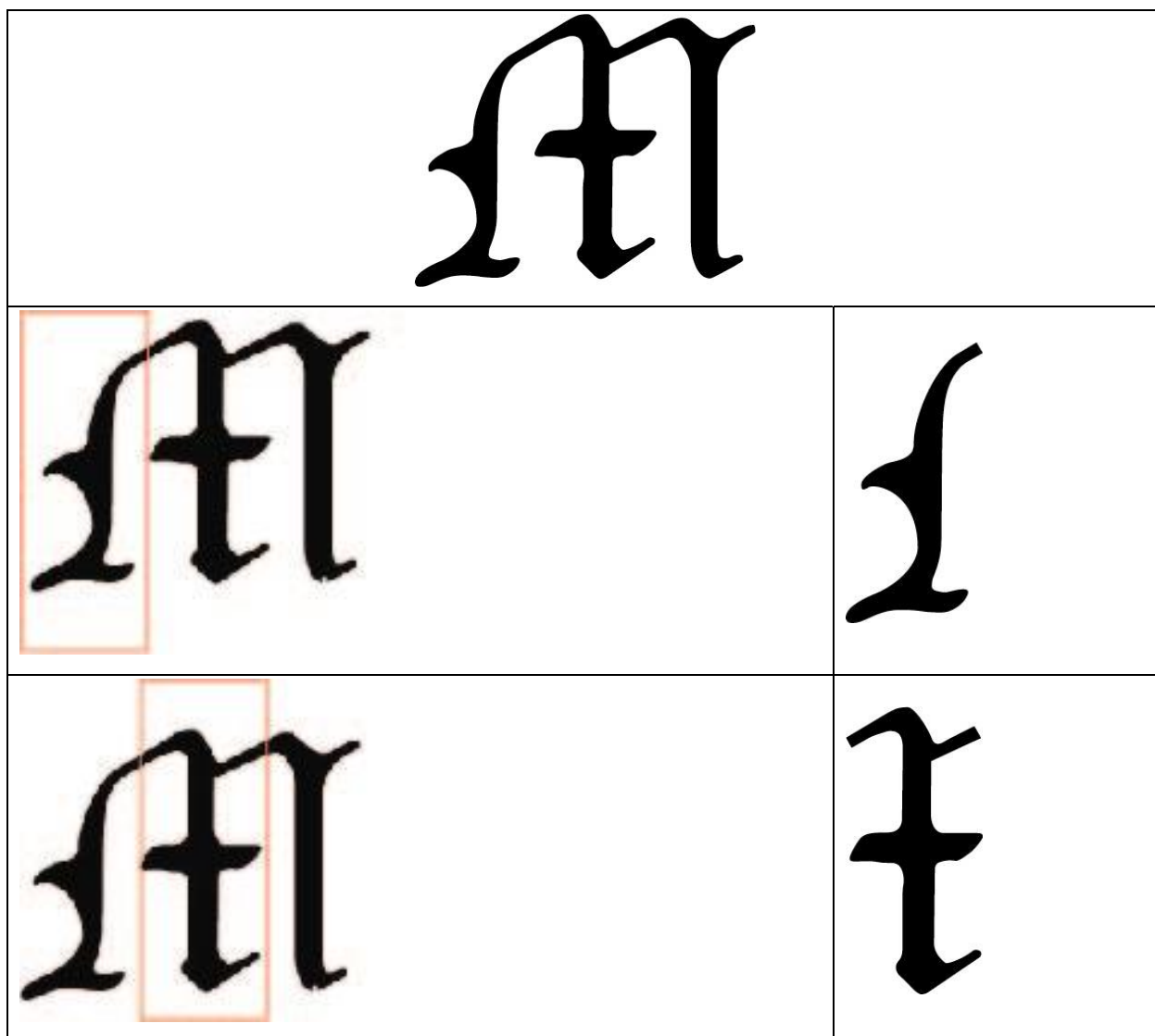
Como o projeto gráfico não contemplou a utilização de ilustrações, optou-se pela utilização de grafismos para dinamizar o bloco de texto e tornar a leitura mais leve, além de enriquecer visualmente o projeto. Para isso, optou-se por vetorizar algumas letras da MonaMour Fraktour e trabalhá-las em forma de grafismos. A opção por grafismos também é uma maneira de reduzir os custos do projeto, uma vez que ilustrações demandariam mais investimentos na contratação de um profissional.

A seguir, o alfabeto:

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V X Y Z

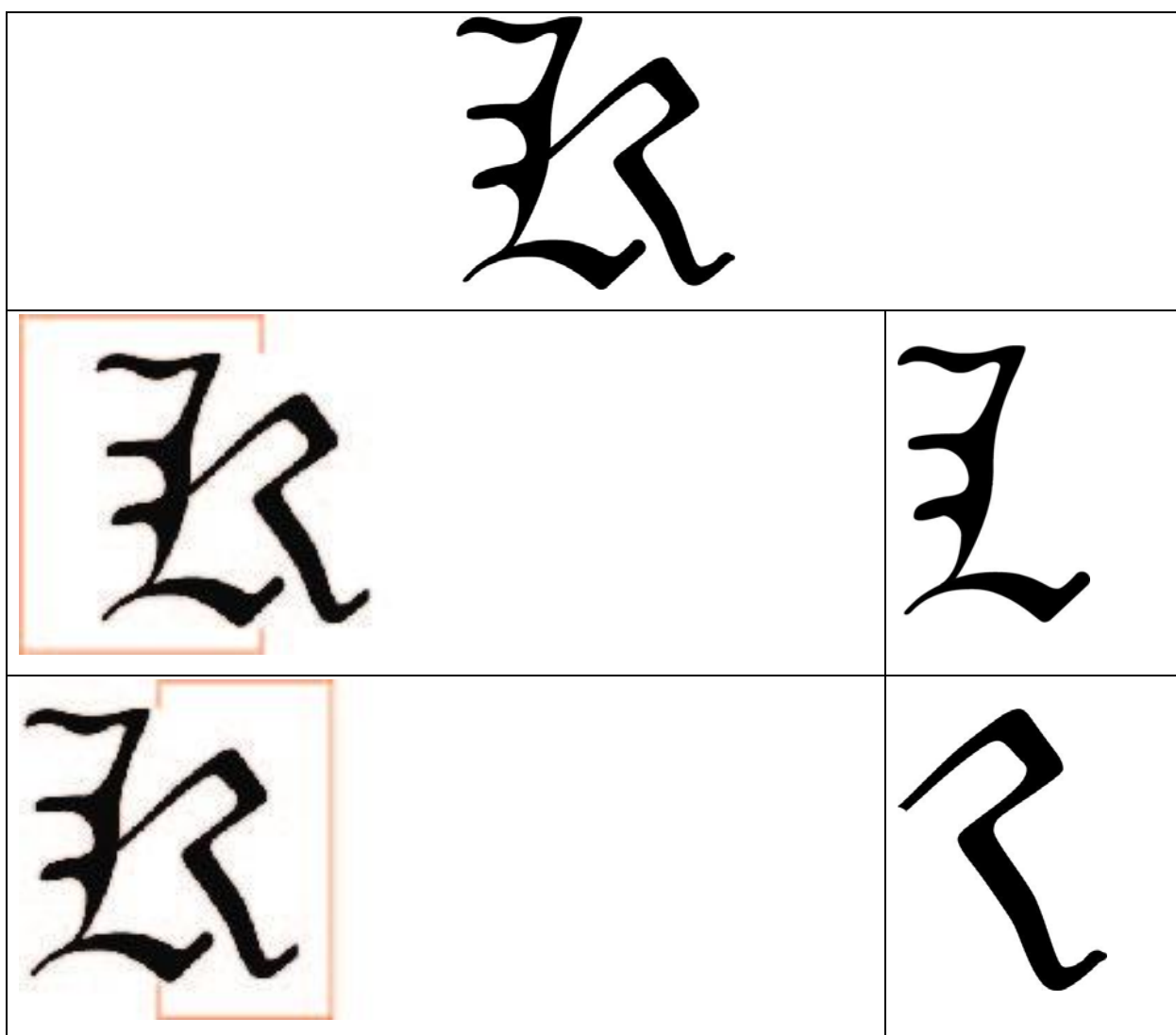
Nas páginas seguintes, apresentamos dois exemplos do processo de elaboração dos grafismos, com a vetorização dos caracteres e sua posterior fragmentação:

Exemplo 1:



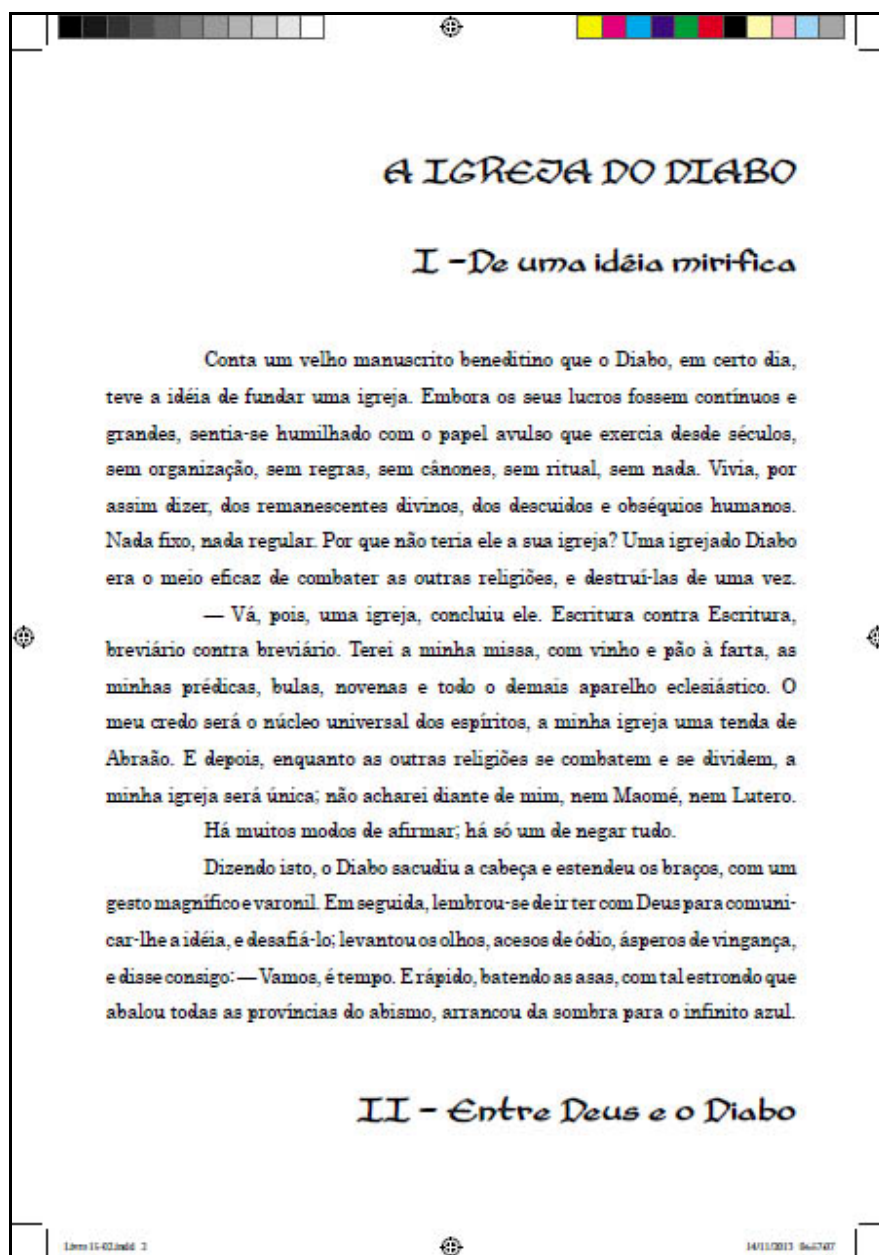


Exemplo 2:



5.8– GERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE ALTERNATIVAS

No primeiro momento, o formato inicial estabelecido foi 16,5 cm x 24 cm, porque essas medidas se aproximam do formato das revistas que inspiraram o projeto gráfico. Para o corpo do texto, a fonte seria a Century, corpo 11 e entrelinha 21. Nos títulos, a fonte utilizada seria Cup and Talon no corpo 24. As margens superior, inferior, interna e externa eram de 1,2 cm.

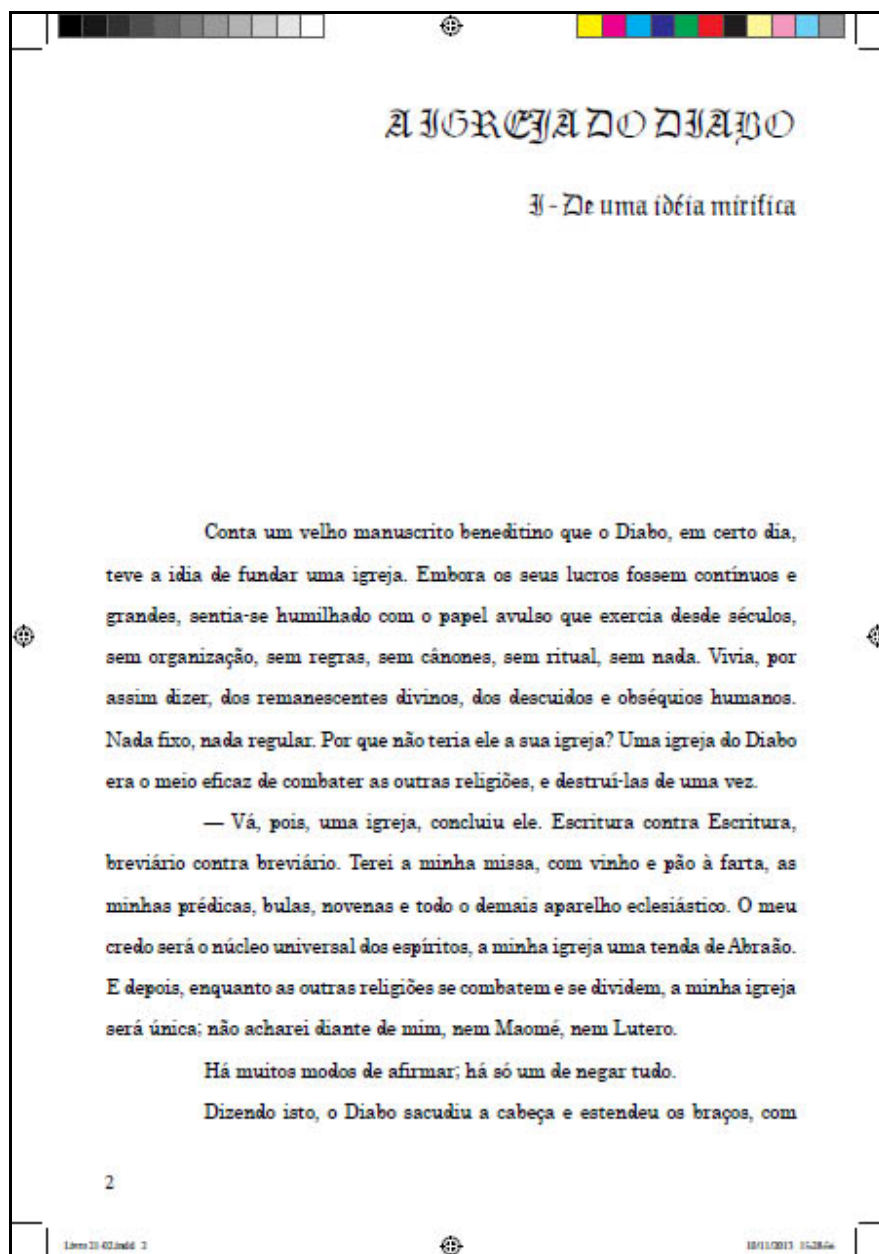


Alternativa 1

Como as fontes escolhidas para o entretítulo não conseguiram traduzir o que se desejava, partimos para a produção de uma segunda alternativa.

Optou-se, então, por manter o formato e a fonte Century para o corpo do texto. Depois de uma pesquisa, foi feita uma opção por uma fonte que trouxesse aspectos

medievais e assim a MonAmour Fraktur foi incorporada ao projeto para compor os títulos (em corpo 24) e os entretítulos em (corpo 18).



Alternativa 2

Na terceira versão do projeto gráfico, também foi mantido o mesmo formato fechado. No entanto as margens foram alteradas para 1,5 cm, porque com os 2 cm propostos inicialmente havia um arejamento exagerado.

Os títulos, que antes eram compostos apenas em MonAmourFraktour, passaram a incluir a Century em corpo 24, intercalada com MonAmour Fraktour em corpo 80. Essa escolha foi feita porque a composição do título e do entretítulo feita exclusivamente na fonte gótica dificultava a leitura clara. Os entretítulos foram compostos em Century corpo 18. Foi feito o primeiro teste com a inserção dos grafismos, modo escolhido para ilustrar e dinamizar o projeto.

A IGREJA DO DIABO

I - De uma ideia mirífica

Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a ideia de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde séculos, sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez.

— Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma tenda de Abraão. E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha

coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu desdouro, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles,

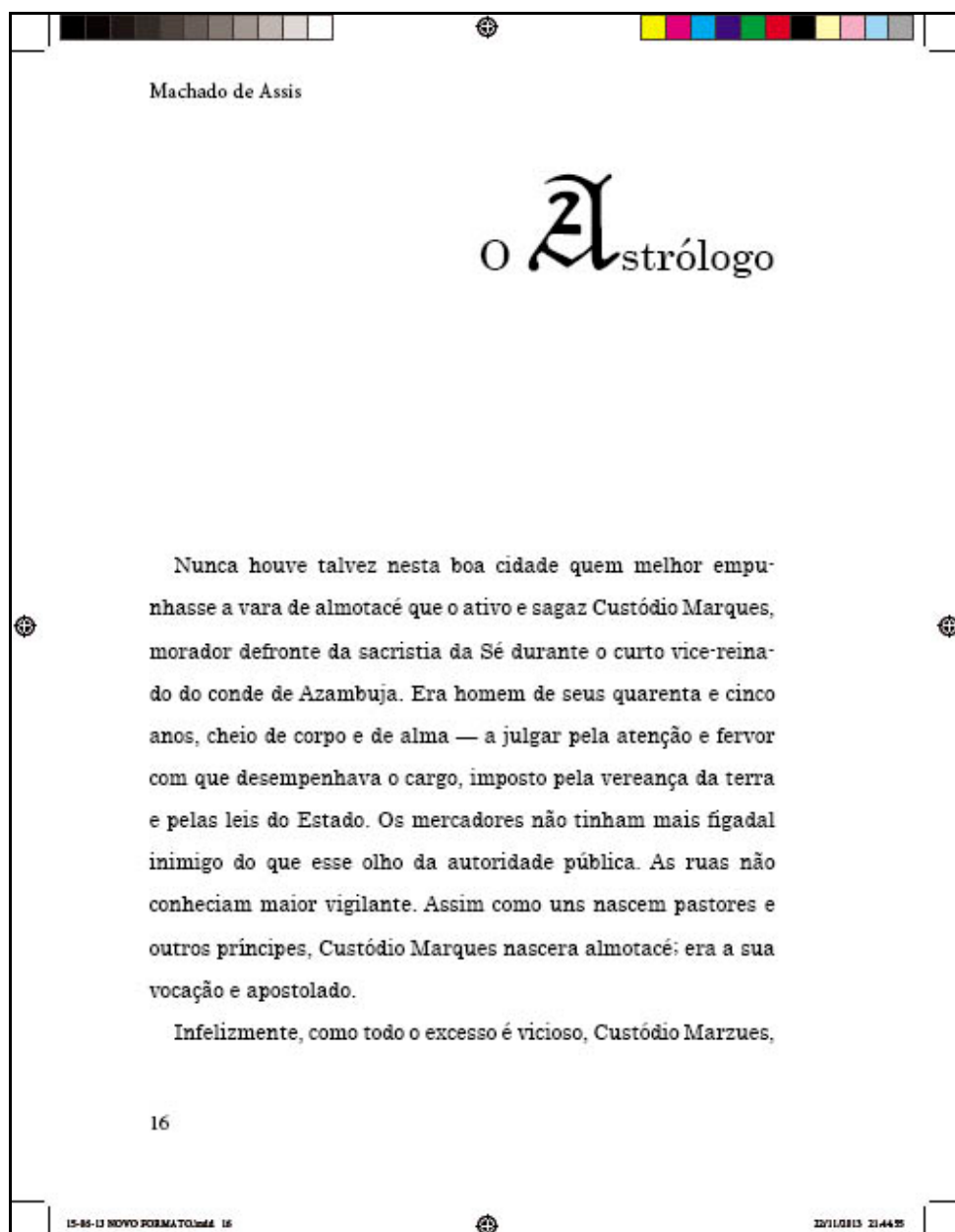


7

Alternativa 3.1

Ao verificarmos o aproveitamento do papel para o primeiro formato pensado, observou-se que geraria uma grande perda do insumo, o que encareceria a produção. Por isso, na quarta versão, o formato foi recalculado, passando para as dimensões 17,5cm x 23 cm, que acarretaria a menor perda como demonstrado anteriormente.

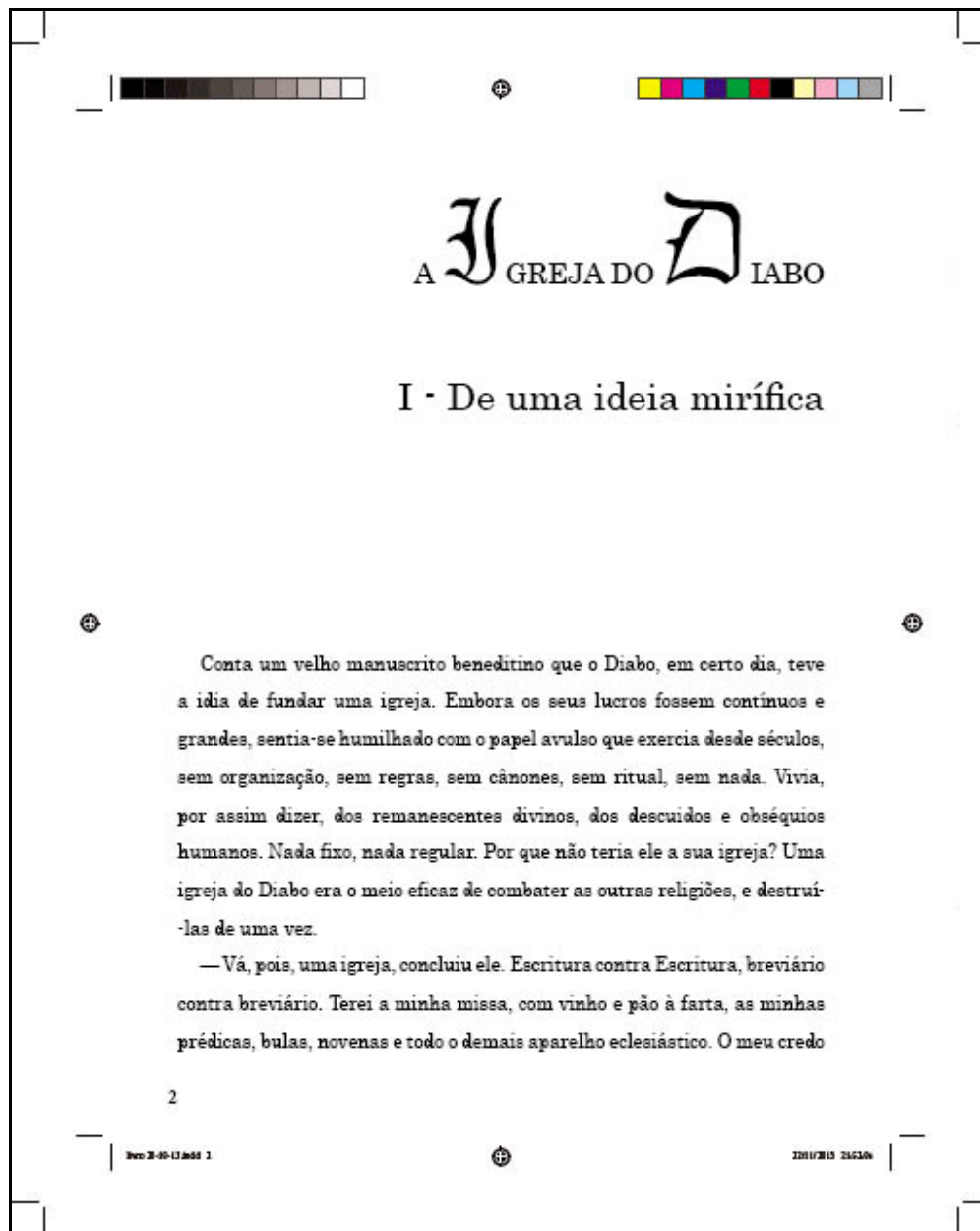
As margens superior e exterior passaram a ter 2 cm, enquanto a inferior e a interior passaram a ter 3 cm. Essa modificação foi motivada pela monotonia que as margens, todas da mesma espessura, provocavam. O corpo do texto passou a ser em Century 12, com entrelinhas 18. Foram inseridos o cabeçalho e o fólio, ambos compostos pela Century corpo 12, que foram concebidos dessa maneira para que a unidade fosse mantida. Ainda a título de testes, foram retirados os grafismos.



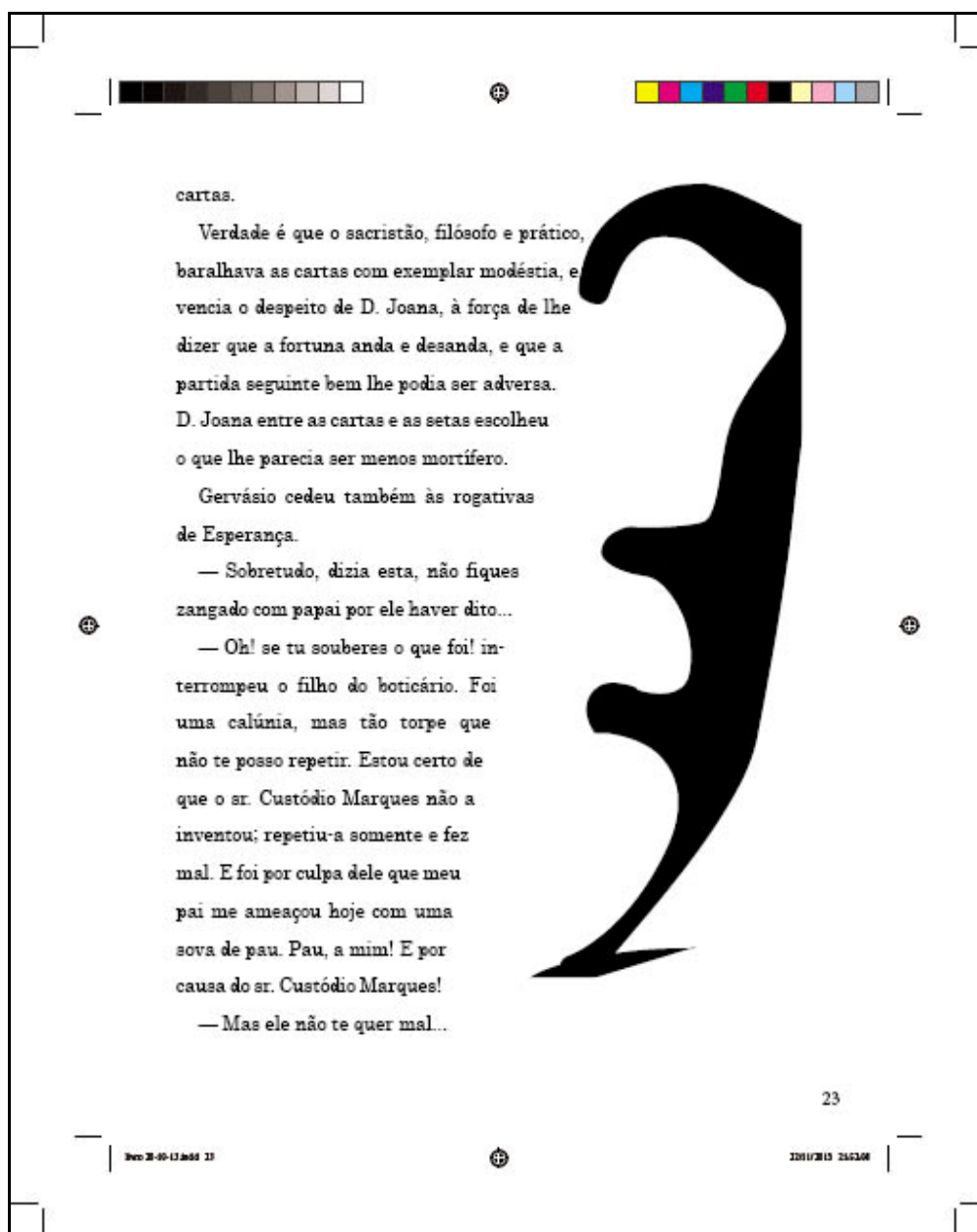
Alternativa 4

Na quinta versão do layout, o formato foi mantido, mas as margens foram alteradas para 1,5 cm (superior, inferior, interna e externa). O tamanho corpo foi mantido em 12, mas as entrelinhas foram reduzidas para 14, porque em 18 estavam muito grandes – o que consumiria uma grande quantidade de papel sem necessidade.

Os grafismos foram alterados e fez-se a opção de os entretítulos serem compostos apenas pela fonte Century corpo 18.

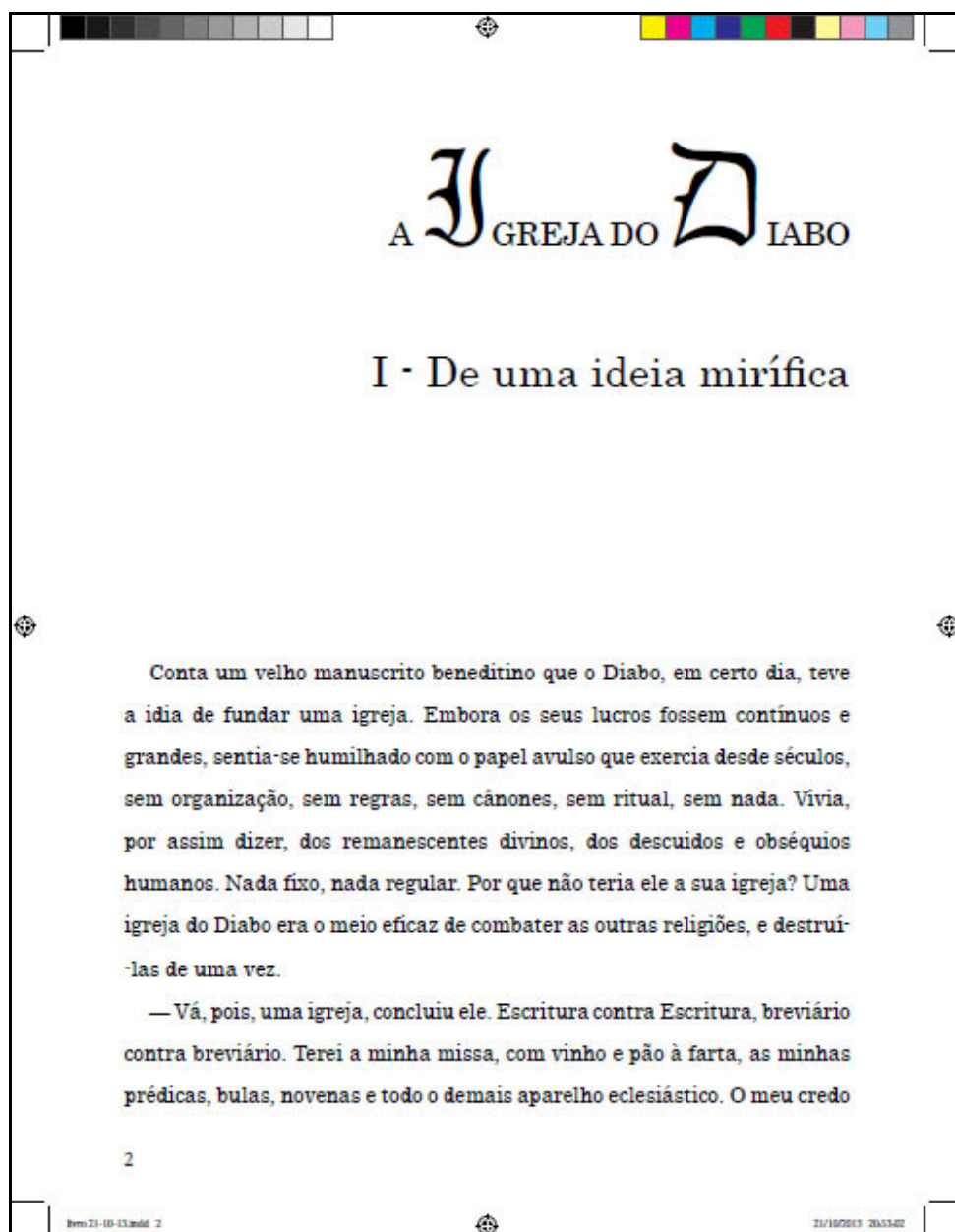


Alternativa 5

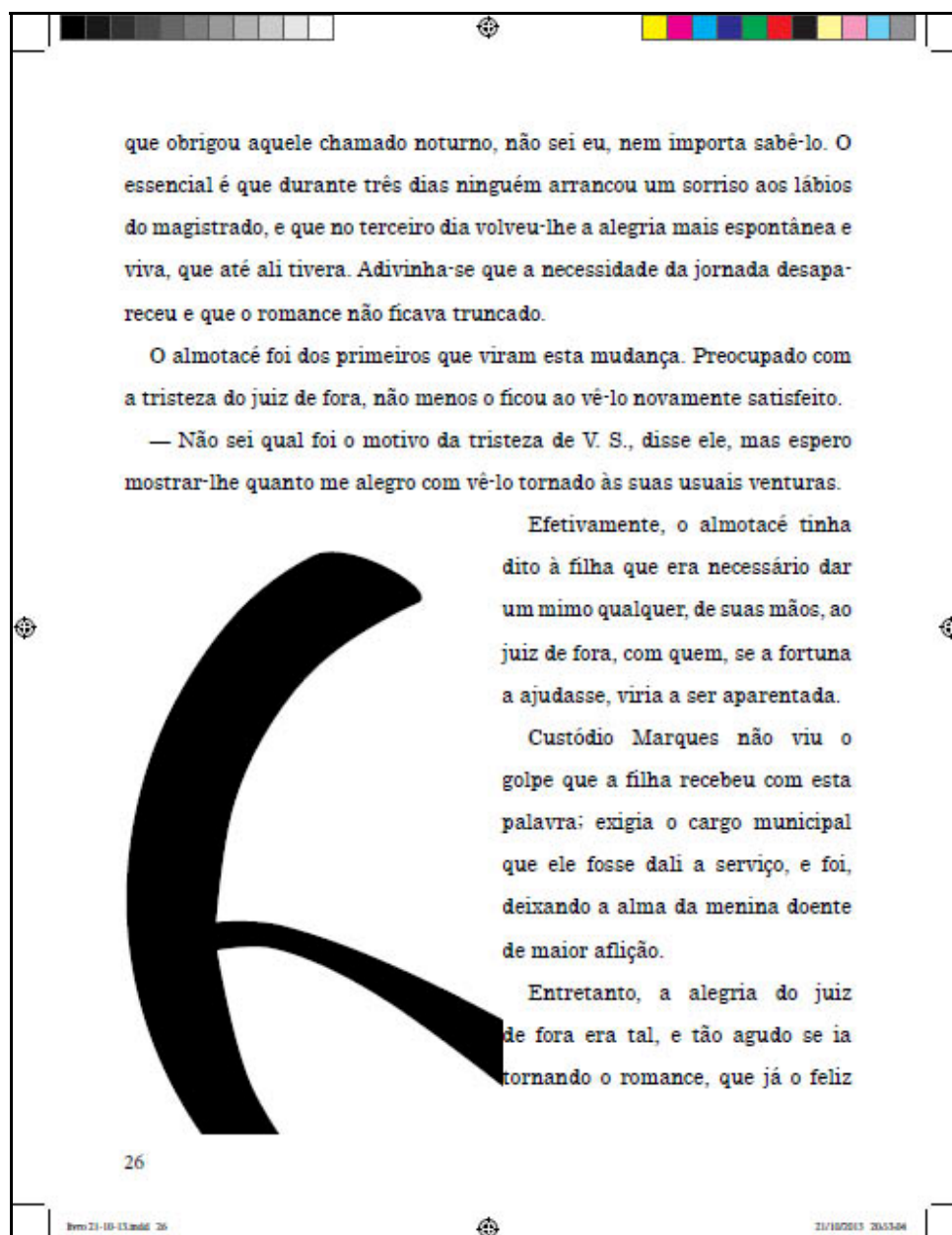


Alternativa 5.1

No sexto teste de layout, os entretítulos foram alterados e passaram a ser compostos pela fonte MonAmour Fraktour 18 e foram inseridas novos modelos de grafismos.



Alternativa 6

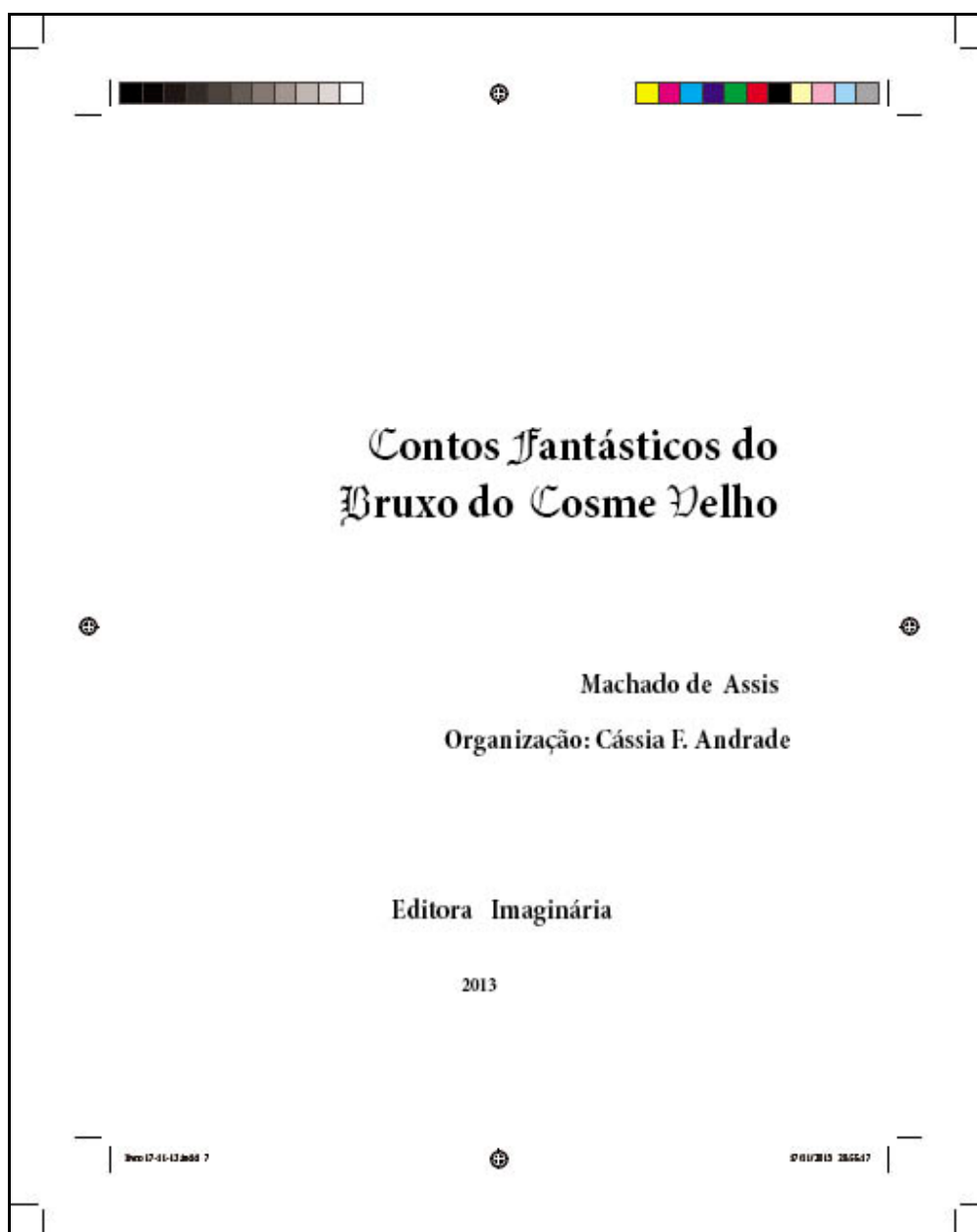


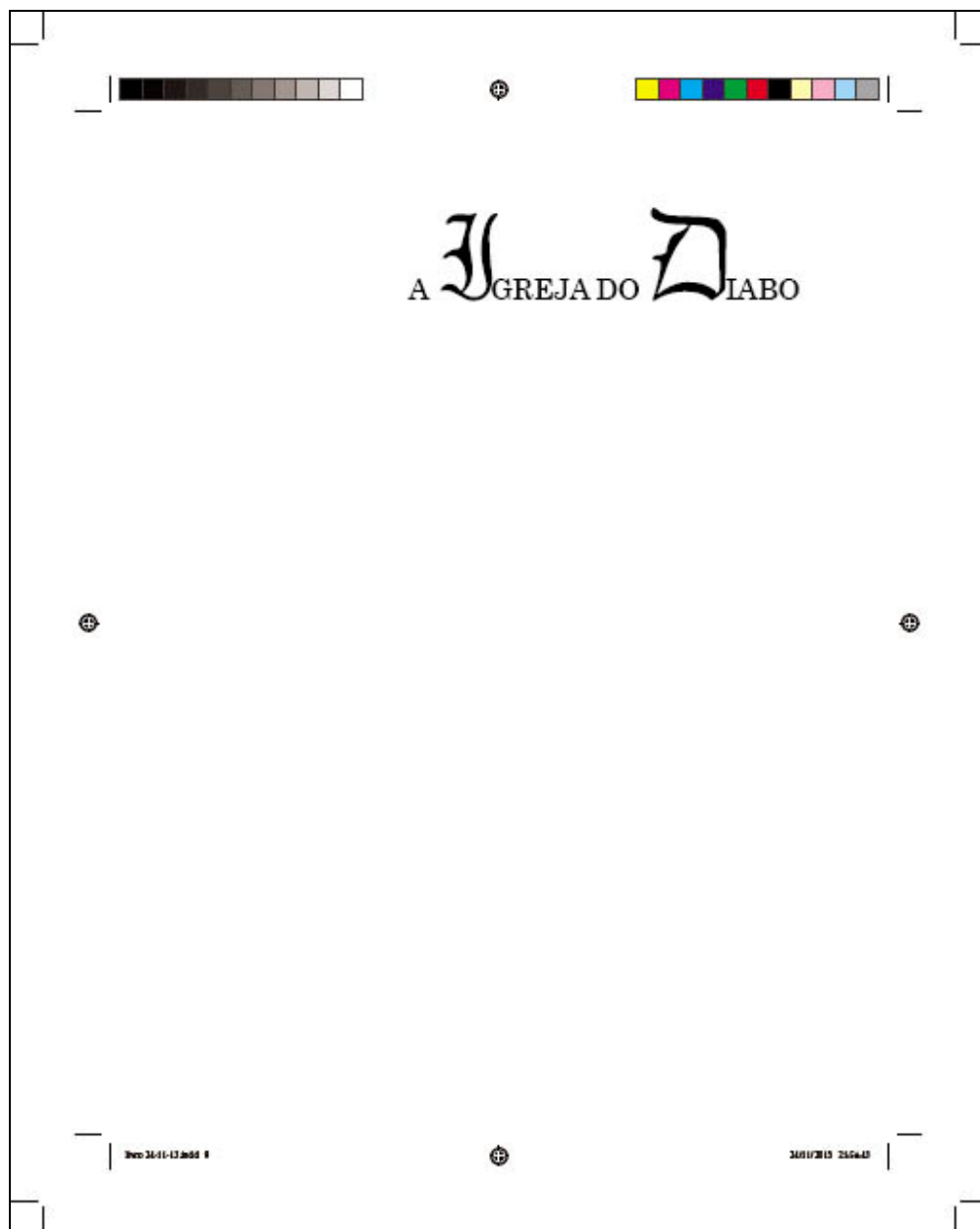
Alternativa 6.1

Na sétima alteração do layout, as margens foram alteradas. Dessa forma, a superior e a externa passaram a ter 1,5 cm e a inferior e a interna 2 cm. As primeiras para evitar que o cabeçalho se confundisse com o restante do texto. Para os entretítulos, optou-se também pela mescla das fontes que estão sendo utilizadas ao longo do projeto. Os números das páginas foram compostos em Century, enquanto o

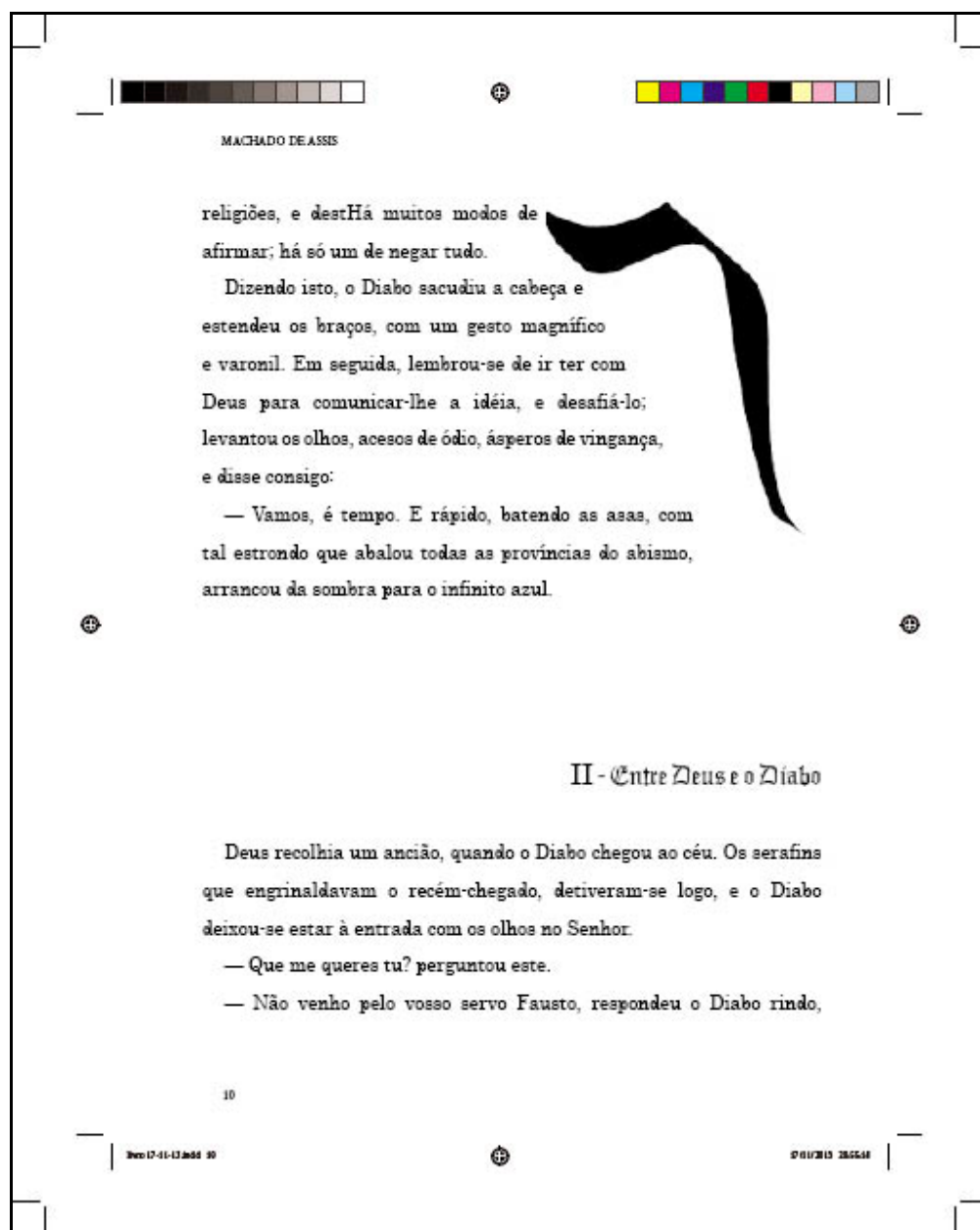
texto em MonAmour. Foram inseridas as folha de rosto e a falsa folha de rosto compostas em MinionPro Bold Condensada 18. O fôlio e o cabeçalho também foram modificados e passaram a ser compostos em Century 8, caixa alta.

Para garantir leveza ao layout e a unidade no projeto, optou-se por utilizar solução semelhante ao do corpo do título, com as fontes sendo alternadas.





Alternativa 7.1



5.9 – CAPA

Para a capa, optou-se pela utilização de uma imagem do autor, trabalhada no *Photoshop*, com o efeito *ripple*. Um dos objetivos foi tentar fugir também do estilo de capas que são comumente observadas nos livros cuja temática seja literatura fantástica e dessa forma gerar um diferencial do produto.

A impressão deverá ocorrer em papel supremo 250 g/m² pela facilidade de oferta no mercado e pela garantia da qualidade da impressão. Acabamento com laminação fosca e verniz em reserva na imagem e no título.

Foram realizadas interferências na imagem com o objetivo de trazer irreverência à proposta e se aproximar do público-alvo. A escolha da referência ao diabo tem a ver não só com a associação do ser com o universo da fantasia, mas também uma referência direta a um dos contos da coletânea.



Teste de capa



Teste de capa

6– CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver o projeto gráfico do livro *Contos Fantásticos do Bruxo do Cosme Velho* foi uma oportunidade de vivenciar de forma prática e objetiva as decisões que implicam o processo editorial como um todo.

A escolha editorial apresenta algumas vantagens como a abertura do mercado para textos voltados para a literatura fantástica, assim como para autores brasileiros que desenvolvam trabalho neste segmento.

Ao mesmo tempo, revitalizar um clássico como Machado de Assis também configurou-se como um grande desafio, uma vez que ele já tem seu lugar reservado na literatura nacional. Pesquisar e difundir novas versões do autor é um processo enriquecedor e que demonstra quão genial, multifacetada e ampla é a obra de Machado de Assis.

Do processo como um todo, conclui-se que, no caso de Machado de Assis, o nome de peso e a consagração dos textos não são suficientes para garantir o sucesso do produto editorial. É preciso buscar diferenciais que possam agregar valor ao material, mesmo que já amplamente consagrado.

Utilizando a linguagem puramente mercadológica, também configurou-se como desafio buscar novas maneiras de apresentar Machado de Assis como produto editorial adequado a um mercado que, conforme foi relatado ao longo do processo, está em expansão no país e que apresenta demanda por produtos genuinamente nacionais.

7 – Referências Bibliográficas

- CLEMENTE, V. BEZERRA, R. *Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE): Tecendo caminhos para formação do leitor literário*. 2010 (artigo apresentando durante o II Seminário Educação e Leitura). Disponível em <http://www.ccsa.ufrn.br/6sel/anais/public/papers/gt8-10.pdf>. Acesso em 07/08/2013.
- LEÃO, Jaqueline Oliveira. *A literatura Fantástica e a Formação do Leitor no Século XXI*. Revista Húmus, Set. Out. Nov. 2011. Disponível em <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/viewFile/1618/1283>. Acesso em 10/11/ 2013.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- LULA, Darlan. *O lugar do fantástico em Machado de Assis*. Disponível em http://www.idelberavelar.com/abralic/txt_33.pdf. Acesso 10/11/2013.
- REIMÃO, Sandra. *Tendências do mercado de livros no Brasil – um panorama e os best-sellers de ficção nacional (2000-2009)*. São Paulo: Matrizes, 2011, p. 194 a 210.
- MACIEL, Nilto. *A Literatura Fantástica no Brasil*, 2009. Disponível em http://www.bestiario.com.br/14_arquivos/lit%20fantastica.html acessado em 2013.
- SILVA, C. BRANCO, M. *Anuário Brasileiro da Literatura Fantástica 2011*. Disponível em http://issuu.com/cesarsilva7/docs/anu_rio_brasileiro_de_literatura_fant_stica_2011_I . Acesso em 18/10/2013.
- JARAMILLO, Bernardo. *Pesquisa Comportamento do leitor e hábitos de leitura: comparativo de resultados em alguns países da América Latina*. 2013 apresentado no II Seminário Retratos da Leitura no Brasil. 2012. Disponível em <http://www.prolivro.org.br/ipi/publier4.0/dados/anexos/2834.pdf>. Acesso em 10/11/2013.
- GAZOLA, Gabriela Santiago. *Programas de incentivo à leitura: os caminhos*

da literatura na formação de crianças e jovens. Florianópolis, 2008. 35f.

Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Biblioteconomia) Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em <http://www.cin.publicacoes.ufsc.br/tccs/cin0013.pdf>. Acessado 10/11/ 2013.

PERFIL CÉSAR SILVA E MARCELO BRANCO - UNESP. Youtube, 17/12/2012, Disponível em <<http://youtu.be/JO19TTcCLYQ>>. Acesso em 12 ago.2013.

“Orgulho, preconceito e zumbis”: editora lança livros que misturam romances de Jane Austen com *O Globo*, Rio de Janeiro. 13 ag. 2009. Cultura. Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/orgulho-preconceito-zumbis-editora-lanca-livros-que-misturam-romances-de-jane-austen-com-3203506#ixzz2kHKwtw45>. Acesso em 18/10/2013.

Portal MEC: <http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-dados-estatisticos/item/406>

LOURENÇO, D. MOURÃO, W. *Literatura e Reflexão na escola: O Gênero Literário Fantástico na Formação do Aluno*. Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar , Maringá, 29 a 30 de out.2009. Disponível em http://www.cesumar.br/epcc2009/anais/daiane_silva_lourenco.pdf. Acesso em 15/10/2013.